

SALMÓS

Vim cá para ter sossego, e só estou sossegado porque saí de casa. Bom, talvez seja um exagero dizer que estou sossegado, já que me domina a angústia. Sim, definitivamente é um exagero, não estou nada sossegado. Lá vai o besouro outra vez. Parece ziguezaguear à toa ao sol fruxo da manhã. Enviesa para um lado; e depois, como se torcesse o rumo, torna a enviesar para o lado oposto, descrevendo uma repetitiva imobilidade. Agora pousou no painel de azulejos, na fímbria onde termina a cerâmica rococó e começa o estuque da parede, atrás das colunas que sustentam o piso superior, e eu especado a olhar para ele. Na verdade, nem sei porque estou aqui, sentado neste degrau do chafariz. Um, dois, três degraus. Estou no segundo. Atrás de mim, um fio de água não corre nem pinga. Tudo seco. Uma rosa e uma japoneira arrostando a luz mórbida. O silêncio é verde matizado de cinzento, e eu inerte, de livro na mão, desde que cheguei. Para me distrair, congemino, faço grandes esforços de imaginação, mas custa a acreditar que viveram aqui monges, homens fugitivos da normalidade.

Normalidade? Que palavra medíocre. Então, eram fugitivos da mediocridade. Eram como eu, provavelmente, que tresnoito de noite e de dia em algo peganhento. Sei que vim para cá porque queria estar sozinho como um monge. Não, como um monge não: como um anacoreta. Subi à pressa os degraus que aqui me trouxeram, vinte e um degraus de pedra após os dois primeiros do vão, relegando quem falava na entrada, debaixo da abóbada onde se pendura uma sineta calada há muito, e vim ter ao claustro.

Olha, lá vai o besouro. Afastou-se das figuras soturnas e foi petrificar para uma rosa. Esta carranca tem um esgar macabro. Está

sol, mas a manhã é borralhenta, e nem este silêncio quieto me dá quietude. O besouro está parado na flor, os monges estão parados na parede, eu estou parado no chafariz. Tudo estancado como um pântano, parece que cheira a náusea, e eu só vejo ruínas. Tudo está destruído, a azulejaria mutilada. Esta pedra está partida, aqui no chafariz. Ali, do outro lado, nem destruição existe, somente vácuo. Havia um claustro que se eclipsou. Agora é um ermo a céu aberto, e se já não é claustro é de uma amplidão claustrofóbica, porque lhe falta tudo, até o futuro.

São Bento está acolá, pintado de azul. Acreditava mesmo no Paraíso ou tinha somente horror ao vazio, como o vazio onde embuti a minha vida? Ele dizia que o Paraíso satisfaz, ou assim o ideava. Se calhar era como Simeão Estilita, vivia no alto de uma coluna para escapar aos turbilhões de que é feito o mundo. Será que Simeão Estilita acreditava em Deus? Eu acho que só acreditava na evasão. O tonto viveu no alto de um pilar até à morte, exposto às inclemências do tempo, mostrando que é possível ser fugitivo a vida inteira. Andava a monte diante de todos. Peculiar, sem dúvida. É provável que a sua intenção fosse proclamar a quem o ia ver: «Deixai-me em paz».

Alguém chama, ao longe, «Ó Zé». Turistas, como eu. Serei turista? Talvez este lugar seja o topo da minha coluna. Sou tão tonto como Simeão Estilita, vim para cá porque não tenho sítio para onde ir. Só me interessa escapar. A quê? A tudo. Por isso me aprumo neste círculo estreitinho para não cair lá em baixo, na vida, como faziam os monges que ali estão pintados nas paredes com suas vestes lúgubres. Passaram aqui, sentaram-se aqui, no sítio onde me encontro, vestiam roupas iguais àquelas delineadas a azul. Alguns ainda aqui devem estar, porque o chão está pejado de túmulos. Mortos desfilando em taburnos numerados. Número 22, número 23, número 24. Ecoa novamente o chamamento, prolonga-se como lamúria de alma penada. Caramba, até me deu um calafrio. Este espaço quadrangular chama-se Claustro do Cemitério. Sinistro. «Fui

esquecido como um morto, e estou como um objeto perdido», diz no salmo 31. Soa a algo escrito por mim.

Vou levantar-me, já me dói o traseiro. A carranca fita-me. Sopra uma corneta de ferro, o sobrolho agressivo, olhos arregalados, pómulos salientes. Parece dizer-me qualquer coisa, mas o quê? Não adianta dizerem-me nada, não sei o que fazer perante os conselhos. Então, o que vou fazer? O besouro agora pousou na taça de pedra do chafariz. Ziguezagueia como o meu pensamento. Um bocejo. Acordei cedo, mas não tenho sono, o bocejo foi de tédio. Que horas eram? Ah, sim, três e cinquenta e seis. Não é insónia, é desesperança. Estou há dois anos à espera da possibilidade de um emprego para o qual concorri e ainda não entrei nem faço ideia se vou entrar. Sei que tenho de consultar periodicamente o processo, porque se não responder dentro do prazo aos procedimentos que aleatoriamente a entidade põe na internet para consulta e cumprimento, deito esses dois anos fora mais a esperança de um lugar na população ativa. Um concurso da autarquia para assistente técnico. Não me imagino a trabalhar num escritório da função pública, lidando com documentos e executando tarefas de expediente, arquivo, secretariado e apoio administrativo, até com a contabilidade, que detesto, mas também não me imagino parado para toda a vida. Sentado numa cadeira, uma caneta, um computador, um par de óculos. Um par de óculos? Até agora vejo bem, nunca precisei de óculos. Seja o que Deus quiser.

Pois. Só diz isto quem não faz nada. Seja o que Deus quiser. Tudo o que me acontece, bom ou mau, foi o que Deus quis, não eu. E até sou ateu. Invoco o nome de Deus em vão. Sinto-me pastoso. Então vou consultando o processo sempre igual, sempre igual, sempre igual. Depois aborreço-me de aquilo estar sempre igual e passo semanas sem consultar, até que volto a consultar. De súbito, e tão aleatoriamente como o sítio onde vai cair um meteorito, uma alteração. Depois essa alteração inaltera-se durante uma semana, um mês ou um ano. Depende do acaso. Eu também dependo do acaso. Do acaso e da minha mulher, que trabalha para me alimentar a mim,

a ela e à nossa filha. Veste-me, abriga-me, e ainda quer que eu vá à psicóloga. Afirma que ando a ter comportamentos estranhos, que deve tratar-se de uma depressão. Se for à psicóloga — o que não quero —, quem paga a consulta é ela, e ela insiste, quer por força levar-me à psicóloga. Diz que me ama. Eu digo que a amo. Amá-la-ei mesmo? Verdadeiramente, eu não sei. Confundo sentimentos, ou acho que confundo. Não tenho a certeza. Só tenho a certeza de que se a Beatriz deixar de me amar, fico sem casa. Tenho uma vergonha enorme desta situação, porque em pequeno ensinaram-me que é ao contrário, o marido é que deve sustentar a esposa. Vivo, portanto, ao contrário, de pernas para o ar. Deve ser por isso que me sinto frequentemente tonto e despassarado. Vejo o mundo pelo reverso. Também me ensinaram que o marido tem de ser mais alto do que a consorte e mais velho. Destas três condições, só cumpro uma: sou dois dedos mais alto do que a Beatriz, mesmo medindo ela um metro e oitenta, acima da média, porque até na idade me leva a melhor: um mês e cinco dias mais velha. Fui educado para o que a realidade negou. Mais vale aprender com a realidade, só que não é assim que as coisas funcionam, as coisas funcionam como tem de ser, e o que tem de ser tem muita força, muita mais força do que os meus pensamentos, que se emaranham uns nos outros e no «tem de ser». Gostava que a vida desse instruções precisas, daquelas infalíveis que eu conseguisse atender, que me dissesse como se vive: tens de fazer isto e isto e aquilo desta ou daquela maneira. A vida podia ter livro de instruções, era mais fácil. A televisão lá de casa tem livro de instruções. Uma vez não acendeu quando a quis acender, então fui ao livro de instruções do aparelho e procurei a alínea «Se a sua televisão não acender, a causa será tal ou tal», e resolvi o assunto na hora.

Sim, Bernardo, tens muito tempo para ver televisão, és inativo. Isso, vai falando contigo, meu inútil, por isso vês o besouro e querias ser besouro. Se fosses besouro bastava-te aprender com a realidade, ou então já nascias ensinado. Os animais são assim, diz-se, já nascem